



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

N.º 12 — 2.ª SÉRIE

MAIO DE 1966

PREÇO: \$50

ABAIXO A GUERRA COLONIAL !

Primeiro em Angola, depois na Guiné e mais recentemente em Moçambique, os povos das colónias portuguesas levantaram-se, de armas na mão, contra a dominação e exploração das suas terras pelos colonialistas portugueses. Vai para cinco anos que o povo português sofre os efeitos duma guerra injusta votada ao mais completo malogro, duma guerra que não cessa de ceifar as vidas da nossa juventude, de arruinar a economia nacional e de levar o luto e a miséria a um número sempre crescente de lares portugueses.

A ditadura fascista de Salazar esconde ao nosso povo toda a verdade sobre as guerras coloniais. Fala de defesa da integridade da Pátria e afirma tratar-se de combater bandos de terroristas a soldo de potências estrangeiras. Mas a realidade é bem diferente. O que as tropas portuguesas defendem em África não é a Pátria mas as colónias (a imprensa rotuladas de «provincias ultramarinas»); não são os interesses do povo português mas os de um punhado de tubarões tiraita finança.

O que se combate em África não são terroristas nem bandoleiros, mas movimentos organizados que buscam a libertação dos seus povos da tutela colonial: não são inimigos do povo português mas aliados na sua luta comum contra a ditadura fascista.

De braço dado com os fomentadores de guerras, os E. U. da América, a Alemanha Ocidental e outros países com quem reparte o fruto da pilhagem colonial, o fascismo não recua perante os maiores crimes. O governo de traição nacional salazarista não hesita em hipotecar o futuro político e económico do País, escancarando à gula imperialista as nossas fontes de riqueza e lançando sobre os ombros das classes trabalhadoras o peso inoportável destas guerras de rapina. Mas enquanto os patrões colonialistas de Salazar fabricam groceiras declarações patrióticas e organizam desavenhadas «manifestações espontâneas», o povo português vive na sua carne a verdade que lhe pretendem encobrir.

(cont. na 2.ª pág.)

3.º ANIVERSÁRIO

DE «A TERRA»

Com este número, «A TERRA» comemora o seu terceiro aniversário. São três anos de luta ao serviço e em defesa dos camponeses do norte de Portugal.

Grandes transformações se deram nestes três anos no campo, em resultado da política fascista. Começaram a fazer-se os primeiros emparcelamentos da propriedade rústica, os quais servem apenas para tirar aos camponeses as suas melhores terras e entregá-las aos grandes lavradores. Deu-se a maior fuga dos campos de que há memória, quer pela emigração para o estrangeiro, quer para as cidades e vilas industriais, quer ainda para as guerras coloniais, o que faz com que a Lavoura lute com falta de braços, mais particularmente nos períodos de maior trabalho no campo.

Nestes três anos aumentaram ainda mais os impostos que já esmagam a agricultura e foram criados novos impostos. Agravou-se mais e mais a exploração dos organismos corporativos, aumentou o custo dos insecticidas, sementes, adubos, pes-

(cont. na 2.ª pág.)

BASTA DE ROUBALHEIRAS !

Na região do Vouga-Agueda, Macinhata, Arrancada, Vajongo, etc. - os lavradores, afim de melhorarem a sua situação, compraram uma ou duas vacas leiteiras. Com a venda do leite esperavam eles compensar as perdas que têm tido com as suas explorações agrícolas.

Mas os seus esforços correm o risco de serem vão, se eles não se organizarem e unirem contra a exploração de que estão a ser vítimas, pois os Depósitos de Recepção do Leite, alegando que este traz impurezas, reduzem-lhes o preço com diferenças que vão de \$10 a \$570 (1), o que representa uma infame roubalheira.

Lavradores da região do Vouga: Não vos deixeis expoliar pelos magnates de laticínios!

Recusai-vos a aceitar os descontos que vos fazem nos Depósitos de Leite! Se eles não vos pagarem o que é devido e a que tendes direito, fazei a greve do leite, não o entregando nos Depósitos e Postos de Recepção.

A exploração capitalista deveis por a vossa unidade e organização. E uma das formas de o conseguirdes, é constituídes vós próprios uma cooperativa, dirigida e administrada por vos, a qual comercializará, além de outros produtos, o vosso leite.

Abaixo a guerra...

(cont. da 1.ª pág.)

O que é a guerra colonial, os camponeses de Portugal sabem - no bem. É a juventude forçada a abandonar a família, a terra e o trabalho para combater e morrer às ordens dos comandos fascistas; é o peso intolerável das contribuições e impostos; é o aumento desenfreado da carestia da vida e dos preços dos produtos necessários à agricultura; é o aviltamento dos preços pagos ao agricultor pelos monopólios fascistas e as dificuldades de escoamento para o mercado; é a fuga dos campos; é a emigração em massa para o estrangeiro; é a aceleração da ruína da pequena propriedade rural em favor dos grandes lavradores instalados nos organismos corporativos ditos de coordenação económica.

Toda a guerra é apenas do interesse das classes dominantes, apenas serve os exploradores monopolistas e latifundiários. Para os trabalhadores e camponeses apenas significa ainda mais fome, mais dor e mais luto.

LUTEMOS

CONTRA A GUERRA!

Camponeses do norte! As guerras coloniais são a fonte de muitos dos nossos mais graves problemas. A satisfação dos nossos legítimos interesses e o reconhecimento dos nossos direitos, não é possível sob o regime fascista. As armas que o fascismo pretende que apontemos contra os nossos irmãos de África, devemos voltá-las contra ele próprio. Lembremo-nos de que não pode ser livre um povo que oprime outro povo. Tudo quanto fizermos no sentido de impedir o prosseguimento das guerras coloniais não será apenas um acto de iraternidade para com os povos angolano, guineense e moçambicano. Serão importantes passos no sentido da nossa própria libertação. Em frente pois companheiros!

Organizemos as mais variadas acções de resistência e de luta contra a deserção. Desertemos e fomentemos a deserção; lutemos nas estações de embarque contra a partida de contingentes militares; fomentemos o boicote do aparelho militar fascista; exijamos o regresso imediato das tropas expedicionárias.

ABAIXO A NOVA LEI DE CAÇA!

Após ter roubado, através dos serviços florestais, os terrenos baldios onde os camponeses criavam os seus gados e encontravam o adubo indispensável às suas terras, o fascismo obriga-os, agora, ao abandono das terras onde nasceram, forçando-os a emigrar para países estrangeiros.

Tal plano tem por fim: arrancar as terras aos pequenos e médios camponeses afim de as mesmas serem entregues aos grandes lavradores; chamar divisas estrangeiras que serão gastas nas vergonhosas guerras coloniais ou então desviadas para os bancos suíços onde os salazaristas tão patrioticamente vão amontoando as suas fortunas; fornecer mão-de-obra barata aos aliados e estelões do fascismo e, ainda, transformar os terrenos de cultura em coutadas de caça, para dar uma satisfação à alta burguesia fascista, suporte deste odioso regime que humilha, explora e escraviza os portugueses e os povos coloniais.

(É por isso que, na continuação da sua política anti-nacional e anti-popular, o governo salazarista pretende, agora, impor ao País uma nova lei de caça que satisfaça os interesses da burguesia fascista e dos seus parceiros estrangeiros.)

Este miserável plano tem de ser frustrado e, para tal, é preciso que cada lavrador proteste, junto dos serviços florestais, contra o roubo dos terrenos que pertence à freguesia, e que cada caçador envie enérgicos protestos para a Câmara Corporativa e comissões venatórias, contra a aprovação do projecto da nova lei de caça, o qual, se for aprovado, não permitirá que a maioria dos caçadores portugueses use do direito livre de caçar, por não possuir condições económicas para pagar licenças caríssimas e impostos aos donos das coutadas.

Realizemos abaixo-assinados, organizemos concentrações e manifestações, escrevamos nas paredes, muros e estradas de Portugal:

INDEPENDÊNCIA PARA AS COLONIAS!

ABAIXO A GUERRA COLONIAL!

ABAIXO O FASCISMO! VIVA A LIBERDADE!

Camponeses! Caçadores! Não permitis a continuação de coutadas, quer particulares, quer turísticas, quer florestais.

Unidos, sois um exercito de 150.000 armas de fogo, as quais deverão ser usadas, se preciso for, em defesa dos vossos direitos.

As Comissões venatórias concehlias, e regionais e os clubes de caçadores, têm em seu poder o impopular projecto-lei. Exigi reuniões para o discutir.

Se os fascistas levarem o seu plano avante, impõe-se, no próximo ano venatório, a invasão das coutadas, como já fizeram colegas nossos no Alentejo. Formai grupos de caçadores que, invadindo essas coutadas, façam sentir à burguesia e ao fascismo quais são os vossos direitos.

Em frente contra as coutadas e a prepotência dos serviços florestais!

3.º Aniversário...

(cont. da 1.ª pág.)

tidas, etc., e a usura tornou-se escandalosa.

Mas os camponeses têm procurado lutar contra toda esta miserável situação, quer criando cooperativas que os defendam da voragem dos monopolistas, capitalistas e latifundiários, quer fazendo grandes e pequenas concentrações nos grêmios, câmaras municipais e juntas de freguesia, contra os impostos e prepotências fascistas, como as realizadas quando da criação da taxa dos \$40 em cada litro de vinho.

Como órgão de unidade ao serviço dos camponeses do norte, « A TERRA » tem procurado orientá-los na sua luta contra o fascismo e seus agentes no campo, tem divulgado e popularizado as suas reivindicações, denunciado a sua exploração, e incitado - os à unidade e à acção, contra essa exploração.

Mas para que « A TERRA » cumpra a sua missão, ela precisa da ajuda de todos os camponeses do norte do País, de todos os agricultores honrados, de todos aqueles que amam a terra e dela extraem grande parte das riquezas nacionais. »

Viva a unidade dos camponeses do norte de Portugal! Viva « A Terra »!

CAMPONESES E TRABALHADORES ALIADOS CONTRA O FASCISMO!

As leis criadas pelo governo de Salazar são para proteger os grandes, os que nada fazem e não ser explorados, e para prejudicar os pequenos, os que trabalham.

Teoricamente, os fascistas dizem que as leis são iguais para todos. Mas isso não é verdade. Sim, porque o tratamento que o governo dá ao rico não é o mesmo que dá ao pobre. Há desigualdade. Há ditadura sangüinária. Há uma ditadura que entrega a Pátria à gula insaciável de especuladores nacionais e internacionais.

É este governo fascista que, apoiado num dos seus pilares, o latifúndio, criou organismos corporativos para explorar os trabalhadores e os camponeses.

Com as suas manobras ilícitas, especula as compras dos produtos dos pequenos e médios camponeses e rendeiros e vende esses mesmos produtos a altos preços ao consumidor. São aqueles organismos, que nada fizeram para criar e multiplicar a riqueza dos nossos campos, que mais lucram. Vendem os nossos campos, que mais lucram. Vendem os sementes, adubos e insecticidas a preços impossíveis, como por exemplo: um saco de batatas para semente custar 50\$000, que depois de lançada à terra fica por 600\$000. Depois, a Junta Nacional de Frutas, a exemplo do que fez em 1964 na Vermiosa, não escoou a batata dos armazéns, para importá-la do estrangeiro, e os lavradores têm que a vender a desbarato a preços irrisórios. A mesma situação acontece com o vinho entregue à Junta Nacional do Vinho que fica por pagar de uns anos para os outros.

Os trabalhadores rurais, atingidos pelo alto custo da vida que faz com que haja menos pão, menos roupas e assistência nos seus lares, reclamam e lutam por um aumento de salários e jornadas e pelas oito horas de trabalho. Estas reivindicações, que são justas, não são aceites pelos pequenos e médios lavradores e rendeiros, que vêm assim agravar-se a sua situação. Mas na luta contra a exploração fascista, camponeses e assalariados rurais são aliados e, como tal, devem agir em comum. Na luta contra os grandes lavradores, que não baixam as rendas, contra os organismos corporativos que os exploram e contra o governo fascista de Salazar que, para aguentar uma guerra colonial em três frentes, gasta milhões de escudos por dia, roubando-os descaradamente, os camponeses devem aliar-se aos trabalhadores e lutar ombro com eles.

É o governo fascista de Salazar o responsável pela fome crónica que transforma o nosso País num vasto campo de doenças, miséria e desgraças. É o governo fascista o responsável pela matança de centenas de jovens nas guerras coloniais. É o governo fascista o responsável pelos atropelos da lei e dos legítimos interesses das populações. É ele que é o inimigo dos trabalhadores e camponeses. É, pois, contra ele que nos devemos unir e lutar. Enquanto ele não for derrubado e colocado no seu lugar um governo do povo, não pode haver paz, pão e trabalho na nossa querida Pátria.

OUVI A RADIO P. LIVRE

40 ANOS DE FOME E MISÉRIA!

O governo salazarista vai este ano comemorar o seu 40.º aniversário. O que têm sido estes 40 anos de domínio fascista todos nós sabemos! Foram 40 anos de fome, terror e miséria!

Durante eles, Salazar procurou apenas servir os seus patrões nacionais e estrangeiros, os monopolistas, capitalistas e latifundiários, e abandonou completamente as massas trabalhadoras à voragem e exploração daqueles. Mas esse abandono e exploração ainda é mais visível nas nossas pequenas aldeias onde feita tudo: água canalizada, esgotos, escolas, estradas, arruamentos, electricidade, etc., etc.

Dentre os milhares de exemplos que, infelizmente para o nosso povo, poderíamos citar, vamos apenas apresentar alguns que nos mostram o que tem sido a «obra» do chamado Estado Novo ao longo do seu reinado de 40 anos.

Em Nogueira, no concelho de Viana do Castelo, aldeia de mais de 1.000 habitantes, reclama-se a necessidade de reparação da estrada florestal que serve a freguesia. Esta estrada foi pavimentada há 18 anos com uma espécie de macadame. Depois disso, poucas ou nenhuma reparação sofreu. Daí o péssimo estado em que se encontra. Já lá vão dois anos desde que a Direcção Geral dos Serviços Florestais prometeu arranjá-la. Mas tudo continua na mesma, prejudicando o progresso e desenvolvimento desta importante freguesia.

O lugar de Carreiras, em Ferreira, Paredes de Coura, não tem caminho de acesso por onde possa circular uma viatura. Resultam de tal situação inconvenientes de várias ordens que mais se acentuam quando há necessidade de socorrer doentes. Para se fazer uma ideia basta dizer que as parafrentes são transportadas em padiola pelos carreiros do sítio, quando precisam de ser internadas!

Covêlo do Gerês, onde o milho cresce ainda mais do que no Minho, é uma aldeia abandonada, onde os homens nada fizeram. Não tem estrada, também não há um edifício a que se possa chamar escola. Há uma casa, onde as crianças, ou não de estar atentas ao que diz a professora, ou ouvir os mugidos das vacas que moram por baixo, numa corte. Outra coisa importante é que não tem luz eléctrica. Há três anos toda a população andou entusiasmada porque a Câmara Municipal prometeu ajudar (?) o povo a trazer a luz eléctrica duma aldeia vizinha. «Dequi por oito dias, disseram, irá um engenheiro tratar do assunto.» Já lá vão três anos e alguns meses e o sr. engenheiro sem aparecer.

Também Cambres freguesia do concelho de Lamego, está em risco de ficar às escuras. A indignação e o descontentamento invadiram toda a população. Tal estado resultou de uma discutidíssima e ilegalíssima decisão da empresa concessionária do fornecimento de energia eléctrica da região, o monopólio CHENOP, da qual advieram já graves prejuízos, traçados no corte da corrente. Quando a concessionária em causa adquiriu gratuitamente a rede de distribuição que era propriedade da Sociedade Eléctrica de Cambres, já os consumidores tinham pago as respectivas

(cont. na p. 1)

PELA AMNISTIA, CONTRA A REPRESSÃO!



LUTEMOS CONTRA O IMPOSTO SOBRE OS CARROS!

Com o crescer das dificuldades políticas e económicas do salazarismo, tem crescido também o terror e a repressão que desde há 40 anos pesa sobre o povo português.

Numa declaração ao País, em Setembro de 1965, a Junta Revolucionária Portuguesa (órgão executivo da Frente Patriótica de Libertação Nacional, instalada em Argel) dizia que a polícia política de Salazar, a PIDE, tinha feito em pouco mais de quatro anos, de 1961 a a meados de 1965, tantas prisões como nos últimos 30 anos. E esta repressão brutal continua, pois que, em escassos quatro meses deste ano já dezenas de presos se somaram às centenas que o fascismo mantém nas suas masmorras.

Podemos dizer, no entanto, que o povo português, ajudado pela grande solidariedade internacional, tem respondido a esta onda de terror, lutando. A sua luta contra a repressão e pela Amnistia se deve à libertação de alguns patriotas há longos anos encarcerados. É porém necessário que esta luta cresça, que se alargue da cidade ao campo, da fábrica à escola, a todas as camadas da população.

Dezenas de presos, que já cumpriram as penas a que foram condenados, muitos deles em difíceis condições de saúde, como José Rodrigues Vitoriano, Sofia Ferreira, José Rolim, etc., necessitam dessa luta, precisam que os ajudemos a voltar à liberdade, ao seio das suas famílias e amigos, à luta pelo derrubamento do fascismo.

Que todos assinem o Apelo Nacional Pró-Amnistia!

Que todos litem contra a repressão e pela libertação de todos os presos em medidas de segurança!

40 Anos de Fome...

(cont. da 1.ª pág.)

baixadas, com inscrição devidamente oficializada, da CENOP, apoiada pela Direcção da Fiscalização Eléctrica, e servindo-se da G.R.R., tentou obrigar os consumidores a pagar as ditas baixadas. A população recusou-se a tal pagamento. A resposta foi firmemente fascista: Todos ficaram privados de energia eléctrica!

Há cerca de dois anos, à sede da freguesia de Vales, pequena aldeia de gente pobre e humilde, foi fornecida energia eléctrica. Meteram luz em casa os que puderam, mas a iluminação pública não é ligada pelo facto, dizem os técnicos, de «as mis-

QUANDO SE PERDE A VERGONHA!

O governo continua a não dar satisfação às queixas dos viticultores contra a exploração através do vergonhoso imposto de \$40 por cada litro de vinho. Procedendo assim, o governo volta às costas a pessoas muito sérias e muito dignas que só têm tido desta governança, como recompensa ao que eles representam de importante na vida da nação, sacrificios, dissabores e miséria.

Por sua vez, a J.N.V. leva juros ao viticultor quando este lhe pede dinheiro adiantado sobre o vinho que possui. Mas a mesma junta não lhe paga juros quando lhe fica a dever o dinheiro por largos meses de vinho que tirou da adega. Perante isto, que moralidade existe nos actos da senhora Junta? Pobre agricultor!... A que sorte está sujeito...

Agricultor é contra todo um estado desta natureza que é preciso lutar. Infelizmente, só a luz é que pode meter na ordem todos aqueles que fazem do camponês um verdadeiro paliço e o consideram como uma coisa e não como um ser humano. Todos, pois, à luta e corramos com este bando de usurpadores. As reclamações particulares não chegarem a doze». Queixam-se os pobres de que a instalação é cara e, por isso, continuam na escuridão de sempre.

Paralelo ao injusto imposto sobre o vinho, lançou o governo um outro novo e grande imposto sobre os carros de carga particular.

Estes carros, na maioria dos casos, trabalham intimamente ligados à agricultura. Seria fatigoso inúmerar os trabalhos que estes carros prestam a tudo que se relaciona com a agricultura. Perante isto, como se pode compreender e aceitar tal imposto que vem por consequente onerar a agricultura quando ela vive numa situação como toda a gente sabe?

Mas que critério de governo é este que se volta para a agricultura como lobo esfaimado procurando tirar do campo aquilo que ele não pode dar?

Agricultores, que o critério do governo é de total desprezo pela agricultura já nós sabemos há muito, não é preciso ser-se muito inteligente para sabermos desta real mas triste verdade: a terrível crise da agricultura está à vista do norte ao sul do País e ela é causada pela incompetência e desinteresse dos governantes. Ora, perante um governo desta natureza só uma coisa há a fazer: levantar-nos todos, quer sejam agricultores, quer sejam negociantes ligados à terra e dizer ao governo não... Não pagamos mais impostos, não admitimos que continuéis a fazer pouco de nós, temos mulher e filhos a sustentar e temos que os criar.

Este maldito governo que teima governar e explorar o povo português pela força não cederá a primeira vista, não cederá a voz isolada de cada um de nós, mas unidos, nós podemos impor a nossa razão, nós podemos não só metê-lo na ordem como correremos com ele, sendo esta ainda a melhor medida a tomar. Avante, pois, e nunca só voz gritemos!

Não pagamos mais impostos, fora com semelhantes exploradores!

O descontentamento da população é geral e diz que os postes, fios e lâmpadas é só «para inglês ver».

Como o espaço não nos permite ir mais longe, teremos de ficar por aqui. Mas os exemplos que apresentamos poder-se-iam multiplicar às centenas. E este estado de coisas não só continuará como tenderá sempre a agravar-se mais e mais enquanto existir o regime fascista.

Devem pois os pequenos e médios camponeses e rendeiros unirem-se aos trabalhadores rurais e restantes classes trabalhadoras do nosso País, na luta contra o fascismo e sua política, pela conquista das suas reivindicações imediatas.